

## **O Som é a Enxada: Memórias do Campo (sobre)Vividas em Semiosferas Agrícolas**

**Nome:** Cynthia Luderer<sup>2</sup>

**Vinculação Institucional:** Universidade do Minho

### **Resumo**

Som é a Enxada foi um programa português veiculado pela rádio alternativa Manobras. Entre 2015 e 2021 foram produzidos mais de cem episódios dedicados ao tema da Agricultura de Proximidade, incluindo nesse repertório o movimento internacional AMAP (Associação pela Manutenção da Agricultura de Proximidade). Aos quatro episódios elencados para a análise, agregou-se os textos verbais e imagéticos ecoados pelo programa, difundidos pelos suportes virtuais. O conceito de semiosfera e fronteira, vinculados à semiótica da cultura russa, ofereceram o respaldo teórico-metodológico para examinar os textos culturais desse programa e as suas narrativas mnêmicas. Conferiu-se que ele está vinculado a uma semiosfera própria, movida por textos culturais de um universo alternativo, e os signos mnêmicos salientam uma cadência temporal distinta do circuito urbano.

**Palavras-chave:** Agroecologia; AMAP- CSA; Rádio Alternativa Manobras, Semiótica da Cultura; Sustentabilidade.

### **Um Universo Alternativo**

O objeto deste estudo é *O Som é a Enxada* (SE), um programa português voltado a explorar a Agricultura de Proximidade, que foi repercutido entre 2 de dezembro de 2015 e 12 maio 2021 pela da Rádio Manobras (RM), um veículo comunicacional alternativo, vinculado a um projeto comunitário desenvolvido na cidade do Porto. O início de transmissão desse canal ocorreu em 2011, e ele se caracterizava por manter um modelo “sem preconceitos, pois qualquer um pode manobrar [os programas], mesmo com dicção caótica e sotaque delator de origens” (CHAVES, 2012).

A RM foi instalada no espaço cultural Maus Hábitos, tendo sido a primeiro rádio dessa categoria em Portugal a rodar em FM. Seu maior propósito era repercutir os sons da cidade do Porto, endossando repertórios mnêmicos a serem organizados em torno da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Comunicação, Consumo e Memória, do 9º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado de 17 a 19 de outubro de 2023.

<sup>2</sup>Doutora em Comunicação e Semiótica, Investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (Braga, Portugal), membro do MNEMON (ESPM-SP). Seus trabalhos versam sobre o consumo da alimentação, com foco na sustentabilidade e na memória. cynthialud@gmail.com

sonoridade. Essencialmente, esse cenário vibrava com base nas ações voluntárias e, diante a ausência de mãos e cabeças comprometidos para movê-lo, deixou de ser ativado após o período da COVID-19.

Os suportes virtuais guardam marcas dessas iniciativas. O canal da RM no Facebook<sup>3</sup> oferece pistas para conferir os traços narrativos ecoados por esse canal e a plataforma *Tumblr*<sup>4</sup>, dentre outras, podem ser acionadas para conferir as mais de cem edições do objeto aqui tratado, o SE. A maioria dos episódios desse programa foi rodado pela RM, e as palavras-chave vinculadas a cada um indicam que o movimento AMAP/CSA<sup>5</sup>, uma associação movida em diferentes países com o fim de promover a Agricultura de Proximidade, foi abordado em 31 episódios. Observa-se assim que há uma sintonia entre a RM, o SE e as AMAP/CSA, a do modelo alternativo, que por sua vez os retroalimentam.

Peruzzo (2009) ao enunciar sobre modelos alternativos expõe que se trata de organismos desvinculados de aparatos governamentais e empresariais, e que se movem a favor de participações educativas, autónomas, abordando dinâmicas sociais com características horizontais. No que toca ao papel que ocupam na comunicação, seus conteúdos primam pela liberdade de expressão e por instrumentos de conscientização, oferecendo ao público conteúdos distintos em relação à grande mídia, que normalmente apresenta tendência conservadora (PERUZZO, 2009). E, relação à rádio comunitária, Peruzzo (2009, p. 137) indica que essa categoria se relaciona com públicos mais abrangentes e “no início do século XXI ela se revigora de modo extraordinário”, se “recria por meio de novos formatos digitais que o avanço tecnológico favorece”. Por sua vez:

a internet, ao inverter a lógica de produção centrada num emissor e dirigida a muitos (um/todos) para aquela em que todos podem se tornar emissores e serem lidos, vistos ou ouvidos por todos (todos/todos), amplia as possibilidades comunicativas e de participação social. A facilidade com que cada cidadão pode se tornar “jornalista” é incomparável a de períodos anteriores. (PERUZZO, 2009, p. 138)

Ainda que esses recursos tenham se inserido no sistema midiático dominante, indicando a possibilidade de um exercício mais democrático, há um contexto hegemónico

---

<sup>3</sup> <https://www.facebook.com/radiomanobras>

<sup>4</sup> <https://somenxada.tumblr.com/>

<sup>5</sup> A sigla AMAP-Associação pela Manutenção da Agricultura de Proximidade-é comumente aplicada na França, e CSA-Comunidade que Sustenta a Agricultura-, no contexto anglófono. Portugal usa ambas. (Luderer e Sotilo, 2021).

dominado pelo modelo capitalista. Nesse sentido, os interesses correm a favor de um capital financeiro, movido por seletos grupos de distintos setores, quer vinculados às políticas agrárias, como a Monsanto, ou impérios midiáticos, que medem seus dividendos pela audiência (GIANOTTI, 2014). Por sua vez, a agricultura instituída por um mercado financeiro é movida por uma estrutura vinculada à modernização, viabilizada por “complexos industriais ligados ao agronegócio [que] tornaram o alimento numa mercadoria para atender os interesses do mercado global” (SILVA; RIBEIRO; MASCARENHAS, 2022, p. 49).

Essas representações econômicas são movidas por princípios antagônicos aos que são levados pela AMAP/CSA, pois suas bandeiras falam premissas a favor de uma agricultura de proximidade, sendo dado o devido valor ao produtor local que, normalmente, operam em pequena escala. Os alimentos são produzidos para nutrir, sendo voltados para o bem comum, de modo que o seu acesso para o sustento seja um direito de todos, criando uma dinâmica que ainda evita as formas de desperdício. Os consumidores vinculados a esse programa também assumem os riscos dos produtores, assim como as recompensas. (LUDERER; SOTILO, 2021; MOREIRA, 2022; SOTILO; LUDERER, 2022)

Essa onda alternativa exprime estar avessa às práticas que promovem da monocultura aos transgênicos e fertilizantes, e a internet passa a indicar processos facilitadores para esses organismos alternativos exprimirem suas causas, pois a mídia de alto escalão, que tem dono, e distancia-se de ser neutra, está aliada às oligarquias do mundo agro (GIANOTTI, 2014). Por sua vez, é relevante salientar que:

Mobilizadoras da biodiversidade em seus sistemas produtivos, as agriculturas locais, menos intensivas em insumos industriais (notadamente aqueles dependentes do petróleo) e cujo escoamento de seus produtos não implica em grandes deslocamentos, apresentam trunfos consideráveis para soldar este vínculo entre sustentabilidade e soberania alimentar (MARQUES 2010, p. 84)

Os veículos alternativos apresentam-se como contributos para fazer ecoar essas vozes paralelas, e ainda que seja comum suas repercussões serem bem menores, quando comparadas aos canais tradicionais, seus repertórios são assim levados, repercutindo as mensagens para um público aliado e sintonizado em seus cantos narrativos. Em relação ao SE:

existem poucos dados relativos ao alcance do programa em termos de audiência, já que a Rádio Manobras não mantém tais registros, sendo no entanto possível consultar em algumas das plataformas de distribuição online o número de vezes

que um episódio é reproduzido, ultrapassando por vezes a centena (MOREIRA e ALMEIDA, 2020, p. 652).

Ainda que essas fontes indicadas se esgueirem de ser as mais fidedignas em relação a um controle de audiência, elas contribuíram para selecionar o corpus deste trabalho, quatro episódios que ganharam mais de uma centena de reprodução na plataforma elencada, e as diversas expressões verbais e imagéticas vinculadas aos episódios do SE. Esse conteúdo possibilitou perseguir o objetivo deste estudo exploratório: analisar as mensagens sobre a Agricultura de Proximidade e as devidas representações mnêmicas ecoadas por esse programa.

### **Semiosferas e Fronteiras**

Para organizar as devidas reflexões sobre o SE, é relevante frisar que seus mecanismos estão atrelados a um universo alternativo, ou seja, ele está fora das redes dominantes, quer pelo papel que ocupa como meio de comunicação ou pelo ângulo que aborda a agricultura. Diante disso, convocamos Lotman (1996) para refletir sobre esse cenário, trazendo precisamente o conceito apresentado pelo autor de semiosfera, assim como o de fronteira.

Para Lotman (1996), a semiosfera é um grande sistema de signos e construção de linguagens, um continuum com uma dinâmica própria, que apresenta um núcleo mais enrijecido em relação aos códigos expostos nas bordas, e suas fronteiras resguardam seus textos culturais, que são caracterizados pela pluralidade e heterogeneidade que carregam, e por se articularem em suas dimensões. A assimetria é um aspeto vigente na semiosfera e, para Lotman (1992, apud AMÉRICO, 2017, p. 8), a fronteira, que resguarda seus mecanismos, se apresenta como um receptor sensorial, permitindo a contaminação da semiosfera. Por sua vez, como salienta Vargas e Rocha (2019), as representações expostas às bordas são mais frágeis e mais suscetíveis aos contágios, enquanto o núcleo é mais enrijecido.

A fronteira pode ser percebida como um divisor abstrato, se abrindo para um “mecanismo bilingual que traduz as mensagens externas para a linguagem interna da semiosfera e vice-versa. Dessa forma, apenas com a sua ajuda a semiosfera pode entrar em contato com o espaço não semiótico e extrasemiótico” (LOTMAN, 1992, apud AMÉRICO, 2017, p. 8). Para Américo (2017, p. 9) “nesse processo [de tradução], a

informação é recodificada para os códigos aceitos na semiosfera em questão”, sendo a fronteira um fenômeno ambíguo e móvel, pois ela separa as semiosferas, mas também as une, a depender do ponto de vista a ser julgado pelo observador, que estará relacionado a uma condição interna ou externa da fronteira. Com isso, cabe às fronteiras duas funções: primeiro, “ limitar a invasão incontrolável dos elementos ‘alheios’. Em segundo lugar, alguns dos elementos ‘alheios’ são selecionados, filtrados e adaptados, (ou traduzidos) para a linguagem da semiosfera em questão” (AMÉRICO, 2017, p. 9).

Esse aspecto leva a perceber outro ponto das semiosferas e suas fronteiras, o de suas representações e de sua representação vinculada à origem:

das oposições basilares da cultura humana: a divisão do mundo em ‘nosso’ e ‘alheio’ [...]. [e] Se o espaço culturalizado da semiosfera é percebido por ela como ordenado, organizado e seguro, o espaço externo é visto como desorganizado e caótico, podendo ser definido até como uma não-cultura (AMÉRICO, 2017, p. 9).

Ainda, para Lotman (2001, apud AMÉRICO, 2017, p.9), “as diferenças entre o ‘nosso’ e o ‘alheio’ costumam ser constituídas de forma espelhada: aquilo que é proibido em um espaço é permitido em outro”.

Ao explorar essa proposição das oposições basilares para constituir as semiosferas vinculadas aos textos culturais contemporâneos que abordem a agricultura, pode-se inferir que há uma semiosfera que apresenta em seu núcleo os valores do capital, estando vinculado às representações urbanas, a agroindústria e seus respectivos oligopólios voltados para um comércio global. Diante esse “nosso”, está o “alheio”, para lá das fronteiras semióticas, a representação da desorganização, o caótico: o campo, o trabalho manual à enxada, os camponeses, o escambo, e os canais alternativos que os representam, que se voltam a explorar um reduto local.

Esse contexto binário é elucidativo, no entanto, a complexidade imbuída nos textos culturais, marcados por sua heterogeneidade, inibem representações isoladas, e o sistema alimentar também pulsa a pluralidade. Assim, ainda que as oposições sejam basilares nas semiosferas, há de se ter em conta as fronteiras, que exprimem as diferenças, as trocas, as traduções, expondo a diversidade dos fatores que contribuem para entender a relevância do nosso objeto para as reflexões contemporâneas.

## **A agricultura e a proximidade**

Um som repetido de enxadas a cavar a terra é a vinheta do SE, uma narrativa sonora apoiada na representação de uma ferramenta ancestral, associada à agricultura e ao campo. Agrega-se à essa interpretação a locução de uma voz rouca feminina, esclarecendo o propósito do programa: “O Som é a Enxada: Registos e conversas sobre agricultura de proximidade. Às quartas, 22 horas, na Rádio Manobras”. Essa convocação sonora do SE enuncia ao seu ouvinte suas pretensas programações, que estão alhures do universo urbano, assim como do dominante modelo da agroindústria, paradigmas estabilizados a partir dos princípios da Revolução Verde.

Resumidamente, esse modelo está apoiado pelas tecnologias agrícolas industriais, inseridas globalmente entre as décadas de 1960 e 1970, promovendo sementes híbridas, fertilizantes, pesticidas, tratores e a monocultura, um conjunto de referências que contribuíram para desqualificar a mão de obra camponesa e o consequente abandono das terras por esses trabalhadores (ESTEVE, 2017; ROSSET e ALTIERI, 2022). No mais, suas produções estão voltadas para o setor de biocombustível, sendo as versões fósseis as suas válvulas de ação, pois são levados às plantações pelos tratores ou pelos produtos sintéticos aplicados nos campos produtivos (ALTIERI, 2008; MARQUES, 2010). Trata-se assim de um modelo voltado à produção de mercadorias, ou seja, da oferta de matéria prima para ser transformada em biocombustíveis e rações para animais. Mas além desse núcleo estar afastado do compromisso de produzir alimentos, há outras questões imbricadas a esse sistema quando posto em causa as alterações climáticas.

O universo camponês foi sendo desfeito diante o fortalecimento desse novo paradigma agrícola, e o mundo contemporâneo se tornou massivamente urbano. Ainda que a pandemia da COVID-19 tenha sido um contributo para desacelerar esse quadro, as perspectivas para as próximas décadas endossam essa tendência (SARAIVA, 2022). Nesse sentido, as agências governamentais europeias têm desenvolvido ações para diminuir as assimetrias de ocupações territoriais, e as alterações climáticas têm se destacado nessas pautas, tornando-se um mote saliente para as devidas ações a esse respeito (CHAMUSCA et al., 2022). Nesse âmbito, políticas que venham a favor de modelos voltados para uma alimentação sustentável têm sido alinhadas a novos documentos assentados pela União Europeia, indicando proposições que possam mover o quadro de distribuição de recursos voltados às grandes explorações agrícolas, as quais endossam as assimetrias territoriais atuais (LUDERER e CALADO, 2023).

Ainda que os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015) tenha caráter global e se alinhem a

essa tônica, inclusive destacando o problema da fome no seu 2º Objetivo, a União Europeia avançou com o *Farm to Fork* (traduzido para o português como Prado ao Prato) (PARLAMENTO EUROPEU, 2021), que se tornou o coração do Pacto Ecológico Europeu (COMISSÃO EUROPEIA, 2019), mais conhecido como *Green Deal*.

Sem perder a noção crítica dessas três referências, que são movidas pela metanarrativa da sustentabilidade, portanto, não se abstêm do eixo do crescimento económico (LUDERER & CALADO, 2023, p. 147), é relevante sinalizar esses documentos quando se trata das semiosferas tratadas neste estudo. Esses novos parâmetros pautam a favor de um sistema alimentar alinhado com textos culturais promotores da agroecologia, se inserindo mais facilmente nas semiosferas que vibram a esse favor. Em Portugal se confere exemplos que elucidam como esses princípios vêm ganhando os terrenos (LUDERER e CALADO, 2023), no entanto, a agroecologia apresenta textos distintos para os que movem a agroindústria. As expressões que surgem por parte dessa semiosfera indicam a sua relutância (FERRARI, 2023). No entanto, cabe destacar que uma semiosfera, ainda que seja percebida como homogênea, é composta de diversos textos em sua interioridade, indicando a sua heterogeneidade interna (AMERICO, 2017).

A agroecologia é pauta explícita no *Farm to Fork* (PARLAMENTO EUROPEU, 2021), e é relevante frisar que essa proposta parte de uma agência governamental europeia, um órgão coletivo vinculado ao hemisfério norte, que na esfera global ganha relevância. Ao comparar com os grupos alternativos, que até então eram os promotores dessa dinâmica agrícola, essa representatividade oferece uma chave diferente para a agroecologia ganhar menos resistência diante as fronteiras de semiosferas, como a da agroindústria.

Ao considerar o *Farm to Fork* (PARLAMENTO EUROPEU, 2021) como um texto cultural, e conferindo o seu movimento no contexto europeu, observa-se diversos programas vinculados a essa proposta, frente a diversos setores. São diferentes semiosferas que a absorve por meio de suas fronteiras, e pode ser percebido a mobilidade dessas fronteiras, pois “tudo depende do ponto de vista do observador: se ele for externo, provavelmente julgará que alguns elementos fronteiros, considerados pela própria semiosfera como alheios, na verdade também fazem parte dela.” (AMÉRICO, 2017, p.9). Em complemento a essa observação, confere-se que “o núcleo da semiosfera é inativo, inerte, incapaz de evoluir; já a periferia, devido à troca constante de informações com o

espaço extrassemiótico, é extremamente dinâmica” (AMÉRICO, 2017, p.10). Nessa conjectura que vibra uma semiosfera, os novos textos são elementos catalisadores da cultura e, “com o tempo eles tendem a ocupar o centro da semiosfera e então os textos ‘centrais’ tornam-se periféricos” (AMÉRICO, 2017, p. 11).

Em outras palavras: tendo o núcleo da semiosfera da agroindústria os princípios da Revolução Verde como referência, ele pode ser movido para as bordas. Por outro lado, pode ganhar o centro os aportes da sustentabilidade, incluindo a agroecologia, que, como exposto por Rosset e Altieri (2022), apresenta práticas camponesas de outrora em seu repertório, e, inclusive, a AMAP/CSA defende essa dinâmica em sua bandeira (SOTILO e LUDERER, 2022).

Diante às alterações climáticas, as práticas agroecológicas apresentam-se favoráveis para as demandas em torno do uso da terra. O estresse hídrico e dos próprios solos são problemas salientes quando se trata das emissões de gases de efeito estufa (CLARK et al., 2022; XU et al. 2021) e, agrega-se a isso, a fragilidade da rede alimentar a sua pouca resiliência para promover uma soberania nesse sentido, um quadro salientado no mais recente quadro pandêmico (WILD, 2020).

Esse quadro, que ilustra as inversões culturais, permite refletir que “a cultura, por sua essência está dirigida contra o esquecimento. Ela o vence, convertendo-os em um dos mecanismos da memória” (LOTMAN, 2000, p. 175) e, assim como exposto por NAKAGAWA e NAKAGAWA (2023, p.22) “aquilo que é ‘expulso’ por uma dada esfera não desaparece do espaço semiótico e/ou semiosfera, mas permanece em estado de latência e, pela ação da fronteira semiótica, pode novamente irromper na cultura”.

Essas questões salientam as heterogeneidades implicadas a essa semiosfera, e da própria alimentação, sendo a agricultura apenas uma das forças do sistema alimentar, o qual, segundo Coleman et al.(2021), conta com as questões políticas, as da saúde, as do meio ambiente, as da própria sociedade e as econômicas. Tendo em conta o continuum dessas distintas semiosferas, suas heterogeneidades e suas fronteiras, se percebe os paradoxos na dinâmica da cultura alimentar, que são relevantes para gerar os seus desdobramentos. Inclusive, como salienta Américo (2017, p. 8), “toda cultura (semiosfera) necessita de outra cultura para definir a sua essência e os seus limites”.

### **Com as enxadas nas mãos**

Os suportes para levantar os dados dos episódios do SE foram as plataformas digitais que abarcam a veiculação do programa e, dentre elas, o *Mixcloud*<sup>6</sup>, pois a sua organização estética oferecia recursos mais adequados para esse exercício. Esse recurso indica a quantidade de plays de cada episódio e, segundo exposto por Sara Moreira<sup>7</sup>, a audiência “funciona melhor quando os próprios entrevistados fazem esse papel de divulgação pelas suas rede”. Ela ainda explica que:

O *Mixcloud* não é tudo... em primeiro lugar porque desde há cerca de um ano os programas também são disponibilizados através do *anchor.fm*, que por sua vez distribui para diversas plataformas de podcast (como spotify, google podcasts, e outras mais etc)... e não sabemos a quantas pessoas chega por aí. Por outro lado, porque os programas são emitidos na rádio manobras online, às quartas, às 22h, e também não sabemos quantas pessoas estão a ouvir em direto.

Ainda que o alcance do programa seja um mapa tácito, a premissa é que os números de audiência sejam modestos, pois tratamos de uma proposta alternativa, com mensagens disruptivas, que requerem mais esforço dos curadores e dos receptores no processo comunicacional dos códigos envolvidos. No entanto, os dados acessíveis foram captados e organizados em uma planilha<sup>8</sup>, na qual, além da quantidade de plays, alinharam-se outros pontos vinculados a cada um dos 113 episódios enunciados: a data de transmissão; as palavras chave- sinalizadas com *hashtag*-; o tempo de transmissão; o seu título; o veículo de transmissão, percebendo-se que a totalidade era suportado pela RM, com exceção do 111º episódio; e a imagem associada a cada edição. Diante esse aporte, selecionou-se os quatro episódios que ganharam mais de cem plays no *Mixcloud* (Quadro 1), que nos direcionam a registros peculiares, como o tempo totalmente diferenciado de cada episódio. Essa máxima indica que o SE lida de modo alternativo com os ponteiros do relógio que são aliciados pelos ditames da máquina do capital.

**Quadro 1-** Programas que ganharam mais de uma centena de plays

Episódio	Data	Plays	Duração	Tema
13	10 fev 2016	103	6'12''	Primaverno
74	17 out 2018	122	1h17'28''	Celebrar as águas com José Teixeira
82	20 fev 2019	118	56'56	Um deserto a florir
106	17 jun 2020	101	46'28''	Sistema de certificação participativa em Portugal

<sup>6</sup> <https://www.mixcloud.com/RADIOMANOBRAS/playlists/o-som-%C3%A9-a-enxada/>

<sup>7</sup> Direcionou-se à Sara Moreira um conjunto de perguntas diretas pelo WhatsApp em 26 jun 2021. Ela é uma das agentes que se destaca nas três frentes alternativas elencadas neste estudo.

<sup>8</sup> Os dados se baseiam nas datas de junho de 2021.

Fonte: Organizado pelo autor a partir dos dados expressos na Mixcloud sobre o SE

A fonte investigada também mostrava a ausência de cinco episódios- o 33º, o 55º, o 100º, 107º e o 112º - e, por parecer um despropósito a centésima edição se incluir nessa lista, questionamos à Sara Moreira, que expôs sobre a perda do ficheiro 107, “E no caso do 100º, só ouviu quem ouviu em direto na rádio :)”. Essa expressão verbal, terminada com um sorriso, sugeriu-nos que, além do desapego à materialidade da gravação, havia um propósito nessa ação que limitava a replicação do evento. Com essa estratégia, o episódio seria estritamente capturado por uma memória que estivesse vinculada àquele tempo determinado. Em outras palavras: a dimensão daquele momento perde o poder da replicabilidade mecânica, ganhando sua existência a partir daqueles instantes vinculados a um arquivo mnêmico pessoal do ouvinte. Com isso, esse episódio cria uma relação diferenciada com o tempo de Chronos, e estará mais próximo de Aion (FUSARO, 2013).

Quanto às imagens apresentadas na Mixcloud, mais da metade das edições eram vinculadas ao logo do SE: um desenho em PB de um indivíduo a segurar um cão e uma antena, de onde saem ondas- a essência da representação do logo da RM. Sara Moreira alertou que o blog do SE, apoiado na *Tumblr*, apresentava as referências completas<sup>9</sup>, e é onde se vê o conjunto colorido das imagens que exprimem os temas pontuados de cada edição do programa. Além dos diversos agentes que movem o SE, a RM e a AMAP/CSA, confere-se seus encontros, ou mesmo o estúdio da RM; também há referência às celebridades que defendem as causas do bem comum, assim como cartazes indicando a luta de gêneros e *cartoons*, a rasgar críticas ao sistema que segue avesso ao propósito do SE. Por certo, também cabem ali estar as representações do campo, de insetos a minhocas, além dos próprios alimentos, entre outros, que expressam a bandeira do programa, como:

as hortas urbanas, a preservação de sementes, a regeneração de ecossistemas, a permacultura, a agricultura familiar, as florestas, o consumo consciente, a alimentação saudável, as propriedades das plantas, as águas, as tecnologias, a sabedoria popular, e um pouco de tudo que pudesse iluminar tanto uma visão crítica sobre os sistemas agroalimentares [...] como conhecimentos práticos sobre os cuidados e os trabalhos com a terra e a natureza. (MOREIRA e ALMEIDA, 2020, p. 650)

Nessa composição, confere-se que o sinal de hashtag está vinculado ao nome da AMAP/CSA 31 vezes. Inclusive, o movimento ganhou exclusividade em alguns

---

<sup>9</sup> <https://somenxada.tumblr.com/>

episódios, incluindo o primeiro, que enuncia a reunião inaugural para o processo de criação dessa organização em Portugal e, como salienta Moreira e Almeida (2020, p. 651), essa reunião “deu o mote para a criação do SE”.

Ainda que falte referências do perfil do público do SE, as da AMAP/CSA podem dar pistas para entender melhor essa semiosfera. Segundo Moreira (2022), os consumidores vinculados a esse movimento em Portugal são urbanos e periurbanos, com idade aproximada entre os 30 e 50 anos; grande parte trabalha nos maiores centros urbanos do país e indicam vocação ativista e coletivista; quanto aos produtores, têm entre 35 e 45 anos, possuem nível de escolaridade superior, e seguiram para a zona rural para cultivar, aproximadamente, há dez anos mudaram.

### **As memórias das enxadas**

A composição expressa no blog do SE resguarda uma estética que remete ao enquadramento de jornais antigos, que em essência indica as memórias de um álbum de família. Os registros endossam a materialização dos textos culturais da semiosfera que exprime esses três grupos, seus ciclos de vida e de seus agentes. As representações de outros elementos signícos endossam suas práticas, muitas das quais voluntárias e voltadas aos valores e ciclos da natureza. As memórias são impressas por esse conjunto de elementos, e se afeiçoam com vista a um futuro, que carregue outras possibilidades em torno de nova agricultura, com marcas de um passado: mais generosa para o universo, para os camponeses, e para os urbanos.

Essa memória é distinta da instalada no campo da gastronomia, vinculada ao sintoma que expressa o mal-estar do capitalismo (LUDERER, 2017), mas indica outros sintomas. Ela está instalada nos signos de um mundo verde que se esvaiu diante um mundo urbano pintado de cinza, e nas cadências de um tempo de Gaia, que há o sol e a lua a manejarem o Chronos, e não as tecnologias. As cadências que recheiam o programa, aludem um dia de trabalho nesse campo esverdeado, com cantos e encantos.

A vinheta introduz o ritmo das enxadas a sovar a terra; os provérbios populares alertam sobre as intempéries climáticas de cada período do ano; as canções sonorizam vozes de outrora ou apelos de bandas alternativas que expressam críticas e a busca de um campo mais justo; e ainda são ditados os tempos dos ciclos do sol e da lua, que orientam para os cuidados das regas e períodos apropriados da plantação e colheita. Diferente do

logo do programa e da RM, expresso em PB, essas representações impulsionam a perceber uma agenda com um cenário colorido movido por um tempo menos acelerado.

### Considerações

A partir das mensagens ecoadas pelo o Som é a Enxada, que trata sobre a Agricultura de Proximidade, se confere que há uma semiosfera organizada em Portugal a mover esse texto cultural, a qual resguarda em seu núcleo duro o SE e outras duas representações: a Rádio Manobras e o movimento AMAP/CSA. As fronteiras dessa semiosfera enunciam que seu mote é o bem comum, sendo os alimentos a interlocução nesse espaço, e os recursos comunicacionais tornam-se plausíveis para esclarecer os pontos fortes que estabelecem a sua fronteira, quando comparada às semiosferas alheias.

Os repertórios desse programa salientam ritmos distintos dos clamados por Chronos e das cores que sobrepujam o tom cinza das cidades. Nesse contexto, insere-se uma memória vinculada a um passado sem ter sido vivida, aludida pelo exercício empírico do campo, justificada pela busca de uma memória que seja criada para um futuro, geradora de sentidos com Gaia, que ajude a catalisar o mal-estar sintomático das pressões do agora.

Diante as semiosferas que se mantêm no centro da dinâmica contemporânea, diferentes questionamentos se permeiam quando se percebe essa semiosfera alheia às outras, que traz novos textos culturais, que, em si, estão apoiados nos do passado. Com os olhos voltados para a soberania alimentar, para o trabalhador campesino e para a sobrevivência dos seres humanos e não humanos diante as alterações climáticas, cabe acompanhar o futuro dessas semiosferas e suas possíveis inversões de poder no futuro. E acima de tudo, perceber seus ecos comunicacionais que acabam confluindo para um exercício de consumo que nos leva às escolhas do que levamos do campo, e o que pomos nos pratos.

### Referências:

ALTIERI, Miguel. A falência de um modelo: sistema alimentar na era pós-petroleira. **Ecodebate**, 30 abr 2008. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2008/04/30/a-falencia-de-um-modelo-sistema-alimentar-na-era-pos-petroleira-artigo-de-miguel-a-altieri/>. Acesso em: 5 ago 2023.

AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lotman. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v.12, n.1, p. 5-20, 2017. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/bjLH7zFRPJQwxJgJhjCzPB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 ago 2023.

CHAMUSCA, Pedro *et al.*. Territorial cohesion: discussing the mismatch between conceptual definitions and the understanding of local and intra-regional public decision-makers. **Territory, Politics, Governance**. v. 1, n.23. p. 1-2316 mar 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21622671.2022.2044899>. Acesso em: 6 ago 2023.

CHAVES, Ana. Manobras: A primeira rádio comunitária do país em FM. **Público**, 19 jan.2012. Disponível em: <https://www.publico.pt/2012/01/19/p3/noticia/manobras-a-primeira-radio-comunitaria-do-pais-em-fm-1812810>. Acesso em: 3 ago 2023.

CLARK, Michael *et al.*. Estimating the environmental impacts of 57,000 food products. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 119, n.33, e2120584119. 2022. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.2120584119>. Acesso em: 6 ago 2023.

COLEMAN, Paul *et al.*. Building a food system that works for everyone. **IPPR**, abr 2021. Disponível em: <https://apo.org.au/sites/default/files/resource-files/2021-05/apo-nid312184.pdf>. Acesso em: 6 ago 2023.

COMISSÃO EUROPEIA. Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões: Pacto Ecológico Europeu. 11 dez 2019. Disponível em: [https://eur-lex.europa.eu/resource.html?uri=cellar:b828d165-1c22-11ea-8c1f-01aa75ed71a1.0008.02/DOC\\_1&format=PDF](https://eur-lex.europa.eu/resource.html?uri=cellar:b828d165-1c22-11ea-8c1f-01aa75ed71a1.0008.02/DOC_1&format=PDF). Acesso em: 5 ago 2023.

ESTEVE, Esther Vivas. **O negócio da comida: quem controla nossa alimentação?** São Paulo: Expressão Popular, 2017.

FERRARI, Raphael. Especialista critica ações de soberania alimentar na Europa. **Europeanway**, 26 abr 2023. Disponível em: <https://europeanway.com.br/especialista-critica-aco-es-de-soberania-alimentar-na-europa/>. Acesso em 5 ago 2023.

FUSARO, Marcia do Carmo Felismino. **O instante (in)capturável: tempo memória e cinema**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4559>. Acesso em: 6 ago 2023.

GIANOTTI, Vito. **Comunicação dos trabalhadores e hegemonia**. São Paulo: NPC-Fundação Perseu Abramo, 2014.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera III. Semiótica de las artes y de la cultura**. Madrid: Cátedra, 2000.

LUDERER, Cynthia. Memória: sintoma do mal-estar da onivoridade. *In*: PRADO, José Luis Aidar; PRATES, Vinicius. **Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017. p. 171-194

LUDERER, Cynthia.; CALADO, Virginia. Sustentabilidade alimentar: do futuro incerto à resposta certa. *In*: CHAMUSCA, Pedro; BENTO-GONÇALVES, António. **Os desafios (Geográficos) da Governação Territorial**. Braga, UMinho Editora/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2023. p. 135-160.

LUDERER, Cynthia; SOTILO, Caroline. Entre utopias e heterotopias: Agricultura de proximidade das AMAPs/CSA portuguesas. *In*: **Comunicon 2021 - Anais Grupos de Trabalho**

de Pós-Graduação, 2021, São Paulo. Anais, ESPM-SP. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/75113>. Acesso em: 3 ago 2023.

MARQUES, Paulo Eduardo Moruzzi. Embates em torno da segurança e soberania alimentar: estudo de perspectivas concorrentes. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 78–87, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8634795>. Acesso em 5 ago 2023.

MOREIRA, Sara. Comunicación para los comunes alimentarios: análisis comparativo de grupos de consumo agroecológico en Portugal. **Comunicación y Sociedad**, Guadalajara, n.1, p. 1-31, agosto, 2022. Disponível em: [Comunicación para los comunes alimentarios: análisis comparativo de grupos de consumo agroecológico en Portugal | Comunicación y Sociedad \(udg.mx\)](https://comunicaciony.sociedad.udg.mx/comunicacion-para-los-comunes-alimentarios-analisis-comparativo-de-grupos-de-consumo-agroecologico-en-portugal). Acesso em 4 ago 2023.

MOREIRA, Sara; ALMEIDA, Filipa. O Som é a Enxada: registos e conversas sobre a agricultura de proximidade numa rádio comunitária do Porto. In: FERNÁNDEZ, Xavier Simón; PÉREZ, David; RODRÍGUEZ, Damián Copena. **Políticas alimentarias para a sustentabilidade**. Vigo: Grupo de Investigación en Economía Ecológica, Agroecología e Historia da Universidad de Vigo, 2020. p. 649-653.

NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; NAKAGAWA, Fábio Sadao. A apropriação cultural como mecanismo mnemônico da cultura binária. In: **Anais do 32º encontro anual da compós, 2023**, São Paulo. Anais eletrônicos, Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-apropriacao-cultural-como-mecanismo-mnemônico-da-cultura-binaria?lang=pt-br>. Acesso em: 06 ago. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS [ONU]. Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. (Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil -UNIC Rio, a partir da *Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas — A/RES/70/1.*), 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 5 ago 2023.

PARLAMENTO EUROPEU. Resolução do Parlamento Europeu, de 20 de outubro de 2021, sobre uma Estratégia do Prado ao Prato para um sistema alimentar justo, saudável e respeitador do ambiente, 2021. Disponível em: [https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-9-2021-0425\\_PT.html](https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-9-2021-0425_PT.html). Acesso em 5 ago 2023.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0122-82852008000200014](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0122-82852008000200014). Acesso em: 3 ago 2023.

PRADO, José Luis Aidar; PRATES, Vinicius. **Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

ROSSET, Peter; ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: ciência e política**. São Paulo: Editora Unesp; Editora Expressão Popular; Editora UFRGS, 2022.

SARAIVA, Alexia. ONU-Habitat: população mundial será 68% urbana até 20150. **Nações Unidas Brasil**. 1 jul 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/188520-onu-habitat-popula%C3%A7%C3%A3o-mundial-ser%C3%A1-68-urbana-at%C3%A9-2050>. Acesso em: 6 ago 2023.

SILVA, Maria Zenia; RIBEIRO, Fernando Bessa; MASCARENHAS, Maria Paula. Um negócio de milhões e a invenção de novos hábitos alimentares: os supermercados, a comercialização de produtos ultraprocessados e ação política no Brasil. *In*: SARMENTO, João; ARAÚJO, Emília; SILVA, Tiago Vieira da. **Sociedade e conhecimento**. Braga: Húmus, 2022. p.47-64.

SOTILO, Caroline; LUDERER, Cynthia. CSA: um programa de agroecologia em Portugal e seus códigos culturais. **Rivar**, Santiago, v.9, n.26, p. 36-54, mai 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/rivar/article/view/5516>. Acesso em 3 ago 2023.

WILD, Sarah. Post-coronavirus, how can we active food justice? **Horizon**, European Comission. 15 set 2020. <https://ec.europa.eu/research-and-innovation/en/horizon-magazine/post-coronavirus-how-can-we-achieve-food-justice>. Acesso em: 6 ago 2023.

XU, Xiaoming *et al.*. Global greenhouse gas emissions from animal-based foods are twice those of plant-based foods. **Nature Food**, v. 2, n. 9, p. 724-732. 2021. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s43016-021-00358-x>. Acesso em: 6 ago 2023.

VARGAS, Herom; ROCHA, Anderson. Cultura nerd como semiosfera: uma proposta de entendimento. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS, v.20, n. 44, p. 26-42. set-dez 2019. Disponível em: [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/6230/2831](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/6230/2831). Acesso em: 5 ago 2023.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.